

Reação às tarifas de Trump pode favorecer o Brasil

Ofensiva dos Estados Unidos a México e UE abre espaço para articulação internacional contra medidas unilaterais

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

O Brasil pode ganhar novo espaço de negociação frente às tarifas comerciais impostas pelos Estados Unidos, após a ampliação das medidas para atingir também o México e a União Europeia. A análise é de especialistas ouvidos pelo **Jornal do Comércio**, que apontam uma possível articulação entre os países afetados como caminho para forçar uma revisão da estratégia adotada por Donald Trump.

Primeiro alvo da nova ofensiva tarifária, o Brasil foi atingido por uma alíquota de 50% sobre exportações ao mercado americano, sob justificativa de desequilíbrio comercial – um argumento rebatido por técnicos do Itamaraty e entidades empresariais, que apontam desvantagem para o País nas relações de troca. Agora, com o anúncio de tarifas de 30% também para México e União Europeia, cresce a resistência internacional às ações unilaterais de Washington.

Segundo o professor Paulo Visenti, professor de Política Internacional na Ufrgs, o número de países descontentes com as medidas adotadas por Trump pode favorecer uma articulação coordenada em torno de uma reação comum.

“Com a União Europeia, com o México, a China já sinalizou, a Rússia também deve sinalizar. Não esqueçam que Japão e Coreia do Sul também acabam de sofrer



Alvo de Trump, País pode ter alíquota de 50% sobre exportações ao mercado norte-americano a partir de agosto

taxações e estão muito desgostosos com essa situação”, avalia.

Para ele, o cenário é favorável à construção de uma frente de cooperação internacional, que funcione como contrapeso à pressão americana.

“É um número muito grande de países que pode vir a acertar algum tipo de cooperação entre eles e, com isso, fazer os Estados Unidos recuarem.”

As medidas de Trump, segundo analistas, refletem uma estratégia de pressão coordenada por interesses geopolíticos e eleitorais. A economista Zeina Latif, da Gibraltar Consulting, avalia que a decisão do americano representa uma ruptura deliberada nos diálogos que já estavam acontecendo, com o objetivo de reposicionar os termos de nego-

ciação de forma mais vantajosa para os EUA.

“É uma forma de jogar fora as conversas e começar de novo. Uma tática para forçar concessões”, disse.

Apesar disso, ironizou: “Mas até que está barato”, ao comparar os 30% aplicados a México e UE com os 50% direcionados ao Brasil.

A União Europeia teria sido alvo das tarifas por adotar regulamentações rígidas e incentivar a produção local, o que, segundo Trump, prejudica empresas americanas. Já no caso do México, a justificativa da Casa Branca se baseia em supostas falhas no combate ao tráfico de fentanil na fronteira – apesar de o país ser historicamente um dos principais parceiros comerciais

dos EUA.

Para Visenti, a medida contra o México tem motivação estratégica. Desde a criação do Nafta, diversas empresas americanas instalaram fábricas no lado mexicano da fronteira – as chamadas maquiladoras – buscando reduzir custos com mão de obra. Agora, a tentativa de Trump é forçar o retorno da produção ao território americano.

“A ideia do Trump é tentar fazer com que as empresas se transfiram novamente para dentro dos EUA”, afirma.

No caso europeu, além das queixas comerciais, pesa também a tensão geopolítica. Visenti lembra que o apoio da União Europeia à Ucrânia no conflito com a Rússia aumentou a pressão sobre os países do bloco, e que

Trump tenta empurrar maiores custos de defesa e reconstrução para os aliados.

“A Europa é concorrencial com os Estados Unidos. Ele quer que a Europa fique pagando os custos de defesa e que muitas dessas empresas de capital americano voltem para os EUA”, argumenta o professor.

A leitura de especialistas em comércio internacional converge para a hipótese de que as medidas têm menos a ver com desequilíbrios comerciais reais e mais com a construção da imagem de Trump como defensor da indústria e do emprego nos EUA – uma mensagem central de sua pré-campanha à reeleição. O risco, no entanto, é de retaliações e novas disputas na Organização Mundial do Comércio (OMC), com impacto direto sobre exportadores, cadeias produtivas integradas e relações diplomáticas.

Apesar das manifestações de protesto e dos pedidos de revisão, o governo americano sinalizou que não pretende recuar, a menos que seus parceiros revejam práticas consideradas “injustas”, como cotas, incentivos e barreiras regulatórias.

No Brasil, setores afetados pelas tarifas vêm cobrando uma atuação firme – ainda que diplomática – por parte do governo federal para tentar reverter ou ao menos mitigar os efeitos da medida. Com o isolamento americano aumentando, cresce também a expectativa de que o País encontre, na articulação com outros atingidos, um caminho para se reposicionar na disputa.

PACTO
RS 25



O CRESCIMENTO
SUSTENTÁVEL
É AGORA.

FÓRUM DEMOCRÁTICO

Participe do encontro que irá discutir o uso racional dos recursos naturais e o desenvolvimento econômico nos próximos anos. Vamos juntos encontrar soluções sustentáveis para o futuro do nosso estado.



Anfiteatro Padre Werner
UNISINOS

Av. Unisinos, 950
Cristo Rei - São Leopoldo
Dia: 18/07 Horário: 8h30

Inscriva-se



Assembleia
Legislativa
Estado do Rio Grande do Sul
190 anos